

A LUPA NO TOUCADOR: CIÊNCIA, SEXISMO E PENSAMENTO PÓS-ABISSAL EM *REMARKABLE CREATURES* E *THE SIGNATURE OF ALL THINGS*

Rafaela Kelsen Dias
Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
rafakelsen@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a investigar a “(des)generificação” do pensamento científico moderno presente nos romances contemporâneos *Remarkable Creatures* (2009), de Tracy Chevalier, e *The Signature of all Things* (2013), de Elizabeth Gilbert. Considerando a temática central desenvolvida nos dois enredos (as vias de acesso e exclusão das intelectuais mulheres em meio à atmosfera sexista dos oitocentos), defende-se a constituição de um olhar revisionista e “pós-abissal” em ambos os romances em torno de tópicos como: “produção do conhecimento”, “cientificidade” e “divisão sexual do trabalho”. Conforme pretende-se pontuar, as autoras convergem para o século XIX um olhar contemporâneo que não só perturba os ideais de estabilidade e racionalismo modernos. De forma similar, acredita-se que os romances jogam por terra os binarismos a partir daí emergidos e que até hoje dificultam a legitimação das mulheres como sujeitos do saber.

Palavras-chave: narrativa, alteridade, gênero.

ABSTRACT

This work examines the “(de)gendering” of modern scientific thought in two contemporary novels: *Remarkable Creatures* (2009), by Tracy Chevalier, and *The Signature of all Things* (2013), by Elizabeth Gilbert. By Considering the main theme approached in both plots (the inclusion and exclusion of intellectual women in the sexist atmosphere of the 19th century), it is argued that both novels present a revisionist and “post-abysal” perspective on the following topics: “knowledge production”, “scientificity” and “sexual labor division”. As it is sustained in the article, the authors converge to the 19th century a contemporary look that upsets the ideal of modern stability and rationality. Similarly, it can be considered that the novels break down the binarisms that emerged in the modern era and that, in the present, prevent the legitimization of women as knowledge subjects.

Keywords: narrative, alterity, gender.

Introdução

Em *Cultura e Imperialismo*, Edward Said irá afirmar que a atuação de “departamentos supostamente neutros da cultura, como a literatura e a teoria crítica” é significativa não só para a fundação e o enraizamento de relações de poder nas quais figuram uma cultura “mais forte” e uma “subordinada” (SAID, 1995, p. 245), mas também para a dissimulação dos mecanismos opressores que emergem a partir de tais relações. O ceticismo e a lucidez intrínsecos à fala de Said se inscrevem em um cenário particular do pensamento teórico-crítico ocidental, qual seja, o período posterior à Segunda Grande Guerra.

Frente àquele cenário devastado e incrédulo, inicia-se a busca por discursos contrários aos dogmas da colonização, do imperialismo e do ódio. Uma dessas grandes iniciativas emancipadoras se inaugura com o surgimento dos Estudos Culturais na Inglaterra. Fruto da ação de intelectuais da *New Left*, esse novo campo de estudos irá propor uma nova visão em torno de “cultura” e de seu papel no âmbito das lutas sociais. Pautando-se nos postulados de um materialismo cultural, pensadores como Richard Hoggart, E. P. Thompson e Raymond Williams irão refutar as práticas culturais como simples superestrutura. Ao contrário de Marx, para eles, a cultura atuará como base do sistema produtivo vigente e, nesse sentido, servirá de artifício tanto para as práticas de dominação quanto para os atos de resistência.

Essa nova consciência, progressivamente, incentivará inúmeras pesquisas interdisciplinares que operam em duas frentes principais: a) a identificação dos estigmas e propósitos imperialistas no discurso cultural hegemônico e b) a exploração de falas e manifestações culturais outrora solapados na subalternidade.

De forma clara, a dinâmica proposta pelos Estudos Culturais coadunar-se-á a uma outra conjuntura ou “condição” que se instaura nas últimas décadas do século XX: a Pós-modernidade. A partir dessa etapa do pensamento ocidental, serão negados os universalismos, as grandes narrativas e todo o progressismo apregoados durante a Modernidade (LYOTARD, 2002).

Nesse sentido, em tempos pós-modernos, especialmente a identidade será compreendida como entidade “formada e transformada continuamente” (HALL, 2006, p. 13). O indivíduo, doravante, passa a ser encarado como resultado de uma intrincada rede de poderes instituídos e impostos socialmente. O sujeito não será mais que “uma produção do poder e do saber” (FOUCAULT, 1993, p. XIX).

Instaurada, pois, essa nova consciência identitária, possibilita-se, a partir dos anos 1950, uma atuação política reelaborada e intensificada a diversos grupos minoritários. Comunidades como as mulheres, os negros e os homossexuais passam a questionar, a partir de então, o lugar que lhes foi historicamente imposto como sujeitos, ao mesmo tempo em que reivindicam o reconhecimento tanto das identidades periféricas quanto dos entre-lugares nos quais se oblitera a não-identidade. Configura-se, dessa forma, uma nova ética em que se torna necessário um espaço para a alteridade, para o deslocamento, ou, nos termos de Édouard Glissant, para o “pensamento arquipelágico”:

O pensamento arquipelágico é um pensamento do tremor, que não se projeta de um só impulso em uma só e imperiosa direção; ele explode em todos os horizontes, *em todos os sentidos*, [...] Ele distrai e desvia as imposições dos pensamentos de sistema. O Mundo treme, crioula-se [...] mudando e permutando seus costumes e suas identidades, em grande parte massacradas (GLISSANT, 2014, p. 80).

Dentro desse contexto de disputa, as armas outrora usadas com o fim de oprimir o indivíduo subalternizado passam a ser tomadas pelo subalterno em suas práticas de insurreição. Assim, sendo a literatura um discurso opaco e sendo ela também parte efetiva da rede de poder anunciada por Michel Foucault (1993), vislumbra-se na contemporaneidade o surgimento de uma série de obras ficcionais, aparatos teórico-críticos e nichos literários comprometidos com o projeto político imanente a conceitos como “alteridade”, “pós-colonialismo”, “marginalidade” e “excentricidade”. Central à efervescência desses novos conceitos no campo literário, alocar-se-á a ideologia do “aprender com”, do “pensamento liminar” (MIGNOLO, 2003, p. 35), a qual quebrará o privilégio de perspectivas hegemônicas, universalizantes e colonizadoras.

Logo, se no eixo das práticas imperialistas o paradigma homem-mulher é um dos mais significativos, verifica-se, na atualidade, não apenas a remissão/denúncia a textos literários que corroboram condutas sexistas, mas também se nota a eclosão de obras que desafiam e subvertem o ainda preponderante vilipendiar do sujeito mulher. Dentro dessas práticas discursivas excêntricas em particular, inscrevem-se os dois romances contemporâneos em língua inglesa que discutiremos no presente artigo. São eles: *Remarkable Creatures* (2009), de Tracy Chevalier, e *The Signature of All Things* (2013b), de Elizabeth Gilbert.

Nas duas obras, protagonizadas por personagens femininas, tem-se a problematização da segregacionista relação entre mulher e ciência na era moderna. Situadas no século XIX, as duas narrativas evidenciam os obstáculos enfrentados por cientistas do sexo feminino ao tentarem se firmar enquanto sujeitos do saber. Conforme iremos argumentar, esse olhar revisionista presente nos dois romances se associa a um empreendimento específico do cenário pós-moderno e materialista cultural: a fundação

de um “pensamento pós-abissal” (SANTOS, 2007).

Antes de delinear os pressupostos desse empreendimento e sua manifestação nos romances aqui analisados, passemos primeiramente a uma maior reflexão sobre o efetivo papel da literatura e da crítica literária nas contemporâneas práticas de afirmação da alteridade e, em especial, da feminina.

1. Heroínas esmaecidas

Manifestamente, a virada de pensamento desencadeada em meados do século XX será particularmente marcada pelas reivindicações do movimento feminista. Dentro das próprias atividades do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham, a presença de feministas será fundamental para a consolidação de tendências como: redimensionamento das relações de poder para além do público e “retorno às questões do sujeito e da subjetividade” (CEVASCO, 2003, p. 103).

De forma específica, será possível distinguir essa potência da crítica cultural feminista a partir do surgimento das narratologias feministas. Diferente das narratologias estruturalistas, ocupadas com o estudo cientificista dos mecanismos narrativos, as narratologias feministas, majoritariamente concebidas a partir dos anos 1980, debruçam sobre o texto um olhar sócio e culturalmente consciente. Inaugurados por textos como *Emphasis Added: Plots and Plausibilities in Women's Fiction*, de Nancy Miller, esses estudos analisam “os modos (historicamente contingentes) em que sexo, gênero, e/ou sexualidade condicionam ao mesmo tempo os próprios textos narrativos e as teorias através das quais leitores e intelectuais os analisam”ⁱ (LANSER, 2013, p. 1, tradução nossa).

Nesse sentido, a perspectiva feminista irá investigar as valorações de gênero estabelecidas: na estrutura narrativa, na composição dos personagens nela presentes e na fortuna crítica gerada a partir da obra analisada. Um dos grandes apontamentos de tais narratologias, por exemplo, será a repercussão das relações de gênero na caracterização da figura “herói”. Conforme pontua Margery Hourihan (2005), a simples análise binária das qualidades do herói e de seus oponentes, ou das qualidades do herói e dos atributos omitidos na composição dos personagens, transparecem a cadeia de valores que a narrativa pretende difundir.

Não raramente, percebe-se que o personagem heroico, admirado e celebrado em narrativas de diversas civilizações, é reiteradamente moldado em torno de atributos socialmente classificados como masculinos: “força física descomunal, proeza militar, ou poder político ou social (...)” (EDWARDS, 1984 apud CAMPBELL, 2009, p. 11)ⁱⁱ.

A instituição desses atributos como imprescindíveis à categorização do herói, conseqüentemente, delimita, por razões mesmo fisiológicas, a concepção de narrativas onde figurem heroínas. Deve-se salientar, como explica Campbell (2009), que mesmo nas narrativas nas quais os protagonistas são mulheres a relação heroísmo/feminino não se torna um pressuposto. Para a estudiosa, a ideologia patriarcal que associa fatos grandiosos à noção de masculinidade é uma das maiores responsáveis para a exiguidade de heroínas na literatura ocidental, ou, pelo menos, para a rejeição das narrativas em que é a mulher é o principal ícone de heroísmo.

Desse modo, embora a crítica e a literatura tradicionais ainda negligenciem a imagem da heroína, as narratologias feministas também tomam para si a responsabilidade de elencar e estudar as obras em que tal figura desponta. Extremamente dificultosa quando o *corpus* de referência são as narrativas do passado, ao tomar as obras da pós-

modernidade, essa tarefa assumida pelos teóricos feministas se torna mais acessível.

Afinal, conforme aponta Peonia Guedes (2004, p. 8), a apropriação e ressignificação de textos e conceitos canônicos é uma “das estratégias narrativas mais características da literatura pós-moderna”. Logo, observa-se na atualidade não só um maior número de obras em que subversivamente a figura heroica é assumida por personagens femininos, mas também se verifica uma intensa problematização dos signos que historicamente definem o herói.

Notadamente, ao disporem duas personagens femininas como suas protagonistas, os romances *Remarkable Creatures* e *The Signature of all Things* já se inscrevem, por si só, em uma arena narrativa subversiva. Haverá, no entanto, aspectos outros que situarão esses romances em um campo discursivo oposto às tendências androcêntricas da literatura canônica. Seus enredos voltados à produção feminina do conhecimento na era moderna os fixam como manifestações de um pensamento pós-abissal. É especificamente sobre essa manifestação que discorreremos a seguir.

2. Saberes sexuais

Em *Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes*, Boaventura Santos irá defender a existência de linhas abissais no âmago do pensamento moderno. Essas linhas serão responsáveis por isolar concepções hegemônicas e privilegiadas dos saberes e crenças subalternizados. Para o autor, “a característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha” (SANTOS, 2007, p. 4). Estabelecendo uma fronteira atroz entre o “lado de cá” e o “lado de lá” da fronteira, o pensamento abissal

Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. (...) A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceite de inclusão considera como sendo o Outro (SANTOS, 2007, p. 3-4).

Obviamente, não será difícil inferir os elementos e discursos dispostos no lado de cá da linha (a razão, a cultura, o masculino) em oposição àqueles inscritos no lado de lá (a sensibilidade, a natureza, o feminino). Nesse grande jogo de binarismos, o campo do conhecimento e, particularmente, a arena científica ocuparão lugar de destaque. Caberá à “ciência moderna [o] monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso” (SANTOS, 2007, p. 5). Paralelamente, será privilégio dos estratos sociais hegemônicos (o homem ocidental, branco e cristão) o direito de enunciar o saber científico.

Isso posto, para Boaventura Santos, a “injustiça social global está (...) intimamente ligada à injustiça cognitiva global. A luta pela justiça social global (...), por isso, exige um novo pensamento, um pensamento pós-abissal” (2007, p. 11). Essa nova forma de pensar o mundo teria como alicerce uma “ecologia dos saberes”, a partir da qual haveria “reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (2007, p. 23).

Claramente atrelada à ótica e ética pós-modernas, a ecologia proposta por Boaventura Santos será um dos grandes motes dos romances contemporâneos aqui estudados. Na primeira narrativa mencionada, *Remarkable Creatures*, há a exposição dos desafios defrontados por uma pesquisadora do século XIX ao tentar adentrar na esfera preponderantemente machista da ciência moderna. Curiosamente, nesta obra, tanto a protagonista, Mary Anning, quanto a coadjuvante de maior destaque, Elizabeth Philpot,

são, na realidade, representações de personalidades reais, que viveram na Inglaterra Vitoriana e sofreram as opressões da época.

Ambas as personagens compartilharão o amor pela paleontologia e a revolta diante de sua exclusão dos púlpitos do discurso científico oficial. Apesar das relevantes descobertas científicas de Mary Anningⁱⁱⁱ, suas especulações científicas só alcançarão devido valor quando divulgadas por intermédio dos homens altos da ciência. Em suma, a protagonista atuará como simples operária na misógina e egocêntrica comunidade científica internacional. Todas essas exclusões que irão caracterizar o cotidiano profissional e pessoal da personagem levarão o leitor a compreender os limites de sua legitimação enquanto sujeito do saber:

Isso será o máximo obtido por ela, refleti: restos de elogios abafados por múltiplos outros discursos de glória voltados a homens e animais. O nome dela jamais será gravado em periódicos científicos ou livros, será antes esquecido. Então, que assim seja. A vida de uma mulher é sempre uma concessão. (CHEVALIER, 2009, p. 269, tradução nossa)^{iv}

Já no romance *The Signature of all Things*, tais conflitos nos são apresentados por meio da fictícia cientista norte-americana Alma Whittaker. Filha do ambicioso botânico inglês, Henry, e da holandesa Beatrix, Alma nasce no ano de 1800 nos Estados Unidos. Rodeada por uma fortuna invejável, a filha dos Whitaker poderia ter a seu alcance a melhor educação destinada às mulheres de seu tempo. No entanto, dada a peculiaridade de seu ambiente familiar, análogo aos ensinamentos comumente destinados ao público feminino, será instigado em Alma e em sua irmã um empenho intelectual raramente notado mesmo em muitos dos homens oitocentistas:

[As] meninas Whittaker [recebiam], quatro dias por semana, lições alternadas de filosofia natural, latim, francês, grego, química, astronomia, mineralogia, botânica e história. Alma também recebia exercícios extras de óptica, álgebra e geometria esférica, dos quais Prudence — num raro gesto de misericórdia da parte de Beatrix — era poupada. Às sextas-feiras, se distanciavam da programação, já que um professor de desenho, um professor de dança e um professor de música as visitavam, para enriquecer o currículo educacional das meninas. De manhã, as meninas tinham que trabalhar junto com a mãe em seu jardim grego particular (...). As meninas também tinham de dedicar várias horas por semana ao aperfeiçoamento de suas habilidades no bordado. No fim da tarde, Alma e Prudence eram convocadas a participar de jantares formais e entabular conversas inteligentes com convidados do mundo inteiro (GILBERT, 2013a, p. 45).

Tal formação, obviamente, não poderia fornecer à Alma outro destino que o engajamento intelectual. Já naturalmente inclinada ao pensamento científico, as condições proporcionadas no lar dos Whitaker permitem à heroína se tornar uma das mais renomadas briologistas de seu tempo. Seus escritos iniciais, no entanto, diversas vezes terão de vir assexuados por meio da insígnia “A. Whitaker”. Além disso, mesmo depois de reconhecida, a própria protagonista irá censurar suas inovadoras pesquisas em torno da seleção natural das espécies. Acometida pela insegurança feminina frente à ambiência sexista da Academia, Alma recusa-se a compartilhar seu olhar revolucionário. Para ela, seus argumentos nunca serão concretos ou plausíveis o suficiente. Anos mais tarde, sua teoria será também formulada e finalmente publicada por ninguém menos que Charles Darwin:

Quando Alma chegou a Roterdã, sua tese estava quase terminada. Não a considerava terminada porque ainda faltava alguma coisa. A criatura no canto de seus sonhos ainda a fitava, insatisfeita e inquieta. Era mastigada por essa sensação de incompletude, e decidiu guardar a ideia até dominá-la. Todavia, tinha a impressão de

que grande parte da teoria era de uma precisão irrefutável. Se sua linha de pensamento estava certa, tinha nas mãos um documento científico de quarenta páginas bastante revolucionário. E se, por outro lado, suas conjecturas estivessem erradas? (GILBERT, 2013, p. 221).

Como é possível depreender, as duas narrativas se coadunam na proposição de um pensamento pós-abissal. Posicionando duas mulheres como protagonistas de práticas científicas, os dois romances jogam por terra o ainda contemporâneo *gendramento* do saber. É interessante notar que os dois enredos, concebidos no século XXI, valem-se do mesmo contexto espaço-temporal passado a fim de desenvolver seu conflito central.

Em ambas as histórias, apresentam-se e ressignificam-se temáticas e personagens históricos da ciência moderna. Tanto Mary Anning quanto Alma serão responsáveis por fundamentos teóricos *também* descobertos e posteriormente patenteados por Charles Darwin^v. À vista disso, compreende-se que, a fim de propor uma ecologia do saber, Chevalier e Gilbert entendem como necessária a retomada e reescrita das iniquidades históricas no campo das ciências.

Juntas, as duas tramas recriarão as vozes de heroínas recônditas, que não foram celebradas ou publicadas apesar de seu vasto conhecimento técnico e teórico. Propondo, assim, a legitimidade da mulher enquanto sujeito produtor de conhecimento, esses romances se constituem como fruto autêntico de um dos projetos da literatura na Pós-modernidade: o projeto de revisão, reescritura e subversão das verdades universais, dente elas, a verdade de gênero.

É preciso destacar que a viagem histórica realizada nas duas narrativas permite que enxerguemos um dos grandes argumentos lançados pelos estudos sociais da ciência na atualidade: as revoluções histórico-científicas tiveram efeitos e periodicidades

extremamente distintas para homens e mulheres (KELLY, 1984). Historicamente, a fim de produzir conhecimentos equiparáveis aos concebidos pelo sexo oposto, as mulheres precisaram antes romper com as imposições culturais que as impediam de ter uma educação formal, de possuir um recanto próprio para a produção intelectual e de renunciar ao cruel e comum destino de anjo do lar.

Aliás, como celebrenemente sentenciará Virginia Woolf (s.d.), o assassinato do anjo do lar será a única opção para a emancipação da mulher vitoriana^{vi}. Após seus fracassados intentos amorosos, Mary Anning e Alma terminam sua jornada sem a companhia “protetora” de marido ou filhos. Não obstante, dissipadas as angústias iniciais pela não vivência plena do matrimônio, ambas protagonistas posteriormente conseguem mensurar a grandeza da história (aparentemente solitária) por elas delineada. Ao contrário de suas contemporâneas, que possuíam no casamento seu destino único e final, Alma e Mary Anning podem regozijar-se pelo seu imensurável acesso a um bem que somente após décadas a maioria das mulheres pôde ter como garantia: o direito ao Conhecimento.

Concomitantemente, em seu olhar para trás, *Remarkable Creatures* e *The Signature of all Things* remetem a problemáticas ainda verificadas na esfera contemporânea, como a tenaz negação de acesso ao meio científico às mulheres^{vii}. Diante da celebração restrita das duas protagonistas, ambos os enredos apontam, na atualidade, para a urgência de um espaço discursivo alternativo do qual emergja uma ciência feminina ou feminista.

Sem negar a inevitabilidade de hierarquias na gênese do conhecimento, as narrativas em questão se negam a “subscrever uma hierarquia única, universal e abstrata entre os saberes” (SANTOS, 2007, p. 28). Em outros termos, acredita-se que ambos os romances defendem a concepção de um *locus* desvinculado dos modelos imperialistas de ciências na Modernidade, ou seja, ciências “intimamente envoltas nos projetos ocidental,

burguês e masculino” (HARDING, 1986, p. 9, tradução nossa)^{viii}.

Todavia, como dar-se-á a geração desse alter espaço nas relações de gênero contemporâneas? Haverá um método revolucionário e certo para reivindicá-lo? Infelizmente, tudo indica que esse caminho alternativo sonhado por Alma e Mary Anning ainda terá de ser pavimentado a duras penas. Se hoje aos poucos as mulheres adentram a esfera científica, esse mesmo movimento é sistematicamente retraído pela imposição de uma jornada dupla de trabalho e pela culpa gerada ao atingir sucesso profissional: a boa mãe ainda é aquela que se faz presente no lar.

Dadas essas considerações, percebe-se que não será o papel de Chevalier e de Gilbert expor um olhar otimista ou contemporizador em seus romances. A negação da alteridade é, ainda hoje, uma mazela social, e gênero e ciência certamente não figuram como exceções no universo das relações de poder. Todavia, será possível identificar o fio de justiça e esperança representado no árduo percurso cumprido por Alma e Mary Anning.

Se em sociedade as duas foram continuamente orientadas a “agir como mulheres”, no toucador de ambas os pincéis de maquiagem deram lugar à lupa e nas suas mãos outrora frágeis cresceram unhas sujas da lida diária por conhecimento. Sem o apoio de seus pares do sexo oposto, essas duas mulheres-narrativas dão-se as mãos metaforicamente. Como na cena a seguir, protagonizada por Mary Anning e Elizabeth Philpot, as duas heroínas aqui apresentadas se irmanam às suas antepassadas e descendentes na implacável luta pela igualdade de gênero:

Mary Anning e eu estamos caçando fósseis na praia, ela, as suas criaturas, eu, os meus peixes. Nossos olhos estão fixos na areia e nas pedras enquanto percorremos a costa em passadas distintas, primeiro uma na frente, depois a outra. (...) Falamos

muito pouco, porque não precisamos. Nós estamos juntas em silêncio, cada uma em seu mundo, ciente de que a outra está logo atrás. (CHEVALIER, 2009, p. 301, tradução nossa)^{ix}

Considerações finais

Ao longo desse artigo, argumentamos acerca do efetivo papel da cultura e, em especial, da literatura na instituição de incontáveis relações de poder. Partindo dessa premissa, destacamos a relevância do pensamento e da arte contemporâneos para o desmantelamento dos discursos dogmáticos que, principalmente na era moderna, estabeleceram binarismos como: natureza x cultura; corpo x mente; feminino x masculino.

Indicado, pois, esse novo contexto em que o “outro” não mais significa o oposto (inferior e negativo) do “eu”, destacamos os romances *Remarkable Creatures* e *The Signature of all Things* como exemplos de discursos de um pensamento pós-abissal. Finalmente, apontando, nas duas narrativas, as reivindicações da figura feminina como sujeito do saber, fomos capazes de delinear e atestar a tese principal deste trabalho: nem a ficção, nem a crítica escapam aos movimentos socioculturais que concebem e contestam o centro e a margem, a norma e o excêntrico, o colonizador e o colonizado.

Isso posto, pressupondo a narrativa como artifício historicamente utilizado para “interferir e influenciar a construção psicossocial e sociocultural do feminino” (GUEDES, 2004, p. 9), parece-nos razoável defender, por fim, que os milenares paradigmas de gênero de fato começam a ser revertidos ou reinventados pela mesma via que um dia ajudou a concebê-los: a literatura.

Referências

- CAMPBELL, Caitlin Anne. *Heroes and heroines: a feminist analysis of female child protagonists in the epic fantasies of George Macdonald, C. S. Lewis, and Philip Pullman*, 2009. Dissertação (Mestrado em Artes) The University of British Columbia. Vancouver, 2009.
- CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- CHEVALIER, Tracy. *Remarkable creatures*. New York: Plume, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1993.
- GILBERT, Elizabeth. *A assinatura de todas as coisas* [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013a.
- GILBERT, Elizabeth. *The signature of all things*. New York: Riverhead, 2013b.
- GLISSANT, Édouard. *O pensamento do tremor*. Tradução de Enilce A. Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora, MG: Gallimard – Ed. UFJF, 2014.
- GUEDES, P. V. A busca de identidade numa obra em que se misturam arte, história e ficção: os discursos e intertextos de *Moça com brinco de pérola*, de Tracy Chevalier. *Saúde, Sexo e Educação*, Rio de Janeiro, RJ, v. 34/35, p. 6-13, 2004.
- HALL, Stuart. A identidade em questão. In: *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARDING, Sandra. *The Science question in feminism*. New York: Cornell University Press, 1986.
- KELLY, Joan. Did women have a renaissance? In: *Women, History, and Theory: the essays of Joan Kelly*. Chicago: University of Chicago, 1984. p. 19-50.
- LANSEER, Susan S. Gender and Narrative. In: Hühn, Peter et al. (Eds.). *The living handbook of narratology*. Hamburg: Hamburg University, 2013. Disponível em: <<http://www.lhn.uni-hamburg.de/article/gender-and-narrative>>. Acesso em: 11 set. 2016.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade. Saberes subalternos e*

pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, outubro 2007: p. 3-46.

WOOLF, Virginia. *Professions for women*. [s.l.], 2015. Disponível em: <<https://ebooks.adelaide.edu.au/w/woolf/virginia/w91d/chapter27.html>>. Acesso em: 18 maio 2016.

ⁱ No original: “the (historically contingent) ways in which sex, gender, and/or sexuality might shape both narrative texts themselves and the theories through which readers and scholars approach them.”

ⁱⁱ No original: “unusual physical strength, military prowess, or social or political power”.

ⁱⁱⁱ Com apenas 12 anos a pesquisadora descobre o primeiro fóssil de um Ictiossauro na história da paleontologia. Por meio de suas inúmeras outras descobertas de fósseis marinhos, ela também contribuirá para as primeiras especulações em torno da origem da vida na terra.

^{iv} No original: “That is all she will get, I thought: a scrap of thanks crowded out by far more talk of glory for beast and man. Her name will never be recorded in scientific journals or books, but will be forgotten. So be it. A woman’s life is always a compromise.”

^v Além de Darwin, os romances também farão referência a outros personagens históricos da ciência mundial como os naturalistas Alfred Russel Wallace e Georges Cuvier, o navegador Capitão Cook e o paleontólogo William Buckland.

^{vi} Entendemos aqui o controle da era Vitoriana como força estendida a grande parte da Europa e aos Estados Unidos no contexto do século XIX.

^{vii} De acordo com estudo recentemente publicado pelo periódico *Science*, da Universidade de Princeton, as mulheres ainda têm uma participação incipiente, se comparada a dos homens, em áreas nas quais se acredita ser necessária uma inteligência superior ou uma propensão inata, como as chamadas “ciências duras”, as ciências naturais e mesmo os campos das ciências humanas classificados como mais complexos pelo senso comum, como a Filosofia. Para um maior aprofundamento dos estudos, consultar: LESLIE, S.J., and *et al.* Expectations of brilliance underlie gender distributions across academic disciplines. *Science*. 2015, vol. 347, nº 6219, pp. 262-265. Disponível em: <<http://www.sciencemag.org/content/347/6219/262.short>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

^{viii} No original: “intimately involved in Western, bourgeois, and masculine projects”.

^{ix} No original: “Mary Anning and I are hunting fossils on the beach, she her creatures, I my fish. Our eyes are fastened to the sand and rocks as we make our way along the shore at different paces, first one in front,

then the other. (...) We say very little, for we do not need to. We are silent together, each in her own world, knowing the other is just at her back.”

Recebido em 29 de janeiro de 2018.

Aceito em 5 de fevereiro de 2018.